CRÍTICA

# As Novas Formas Urbano-Territoriais

## A Cidade e o Arquitecto (2000)

GONÇALO FURTADO | Professor Auxiliar na FAUP

Na NOVA REALIDADE - surgida com a erupção da globalização cultural, a internacionalização económica e os progressos tecnológicos, tal como com uma diversidade de fenómenos urbanos -, estabelecem-se novas formas, dinâmicas e pressupostos de relacionamentos urbano-territoriais baseados na mobilidade e nos fluxos.

A cidade antiga-existente, de resto, vinha já revelando incapacidade de resposta às recentes solicitações (grandes operações e investimentos etc) as quais procuraram a dimensão, disponibilidade e acessibilidade de terrenos nas áreas periféricas. Paralelamente, os argumentos do centro (i.e. a concentração, proximidade e mistura funcional) foram perdendo algum sentido com a globalização da economia e o progresso das telecomunicações e transportes. O que podemos chamar metropolização acarretou então um certo desfalecimento do centro tradicional e o aparecimento das longas periferias, tendo a cidade existente perdido a característica legibilidade e compactação, em prole de uma heterogeneidade de espaços urbanos e de um mosaico de tecidos periféricos em "espontânea" expansão territorial[1], ordenada social, cultural, económica e politicamente pelas novas centralidades resultantes da reconfiguração do sistema urbano.

Nas palavras de Álvaro Domingues: *"a cidade compacta de limites precisos, estilhaça-se num conjunto de fragmentos distintos onde os efeitos de coesão, de continuidade e de legibilidade urbanística, dão lugar a formações territoriais urbanas complexas, territorialmente descontínuas e ocupando territórios cada vez mais alargados."*[2]

Tal justifica o recurso das abordagens recentes a um conceito mais complexo de cidade - "METAPÓLIS"[3], sem limite preciso nem centro.

A título de couriosidade, a perda de sentido da distinção centro-periferia e dos seus limites, é bem expressa na notável passagem ficcional "As cidades contínuas 5", de Ítalo Calvino: *"Se oculta em qualquer bolsa ou ruga deste transbordante circundário existe uma Pentesileia é só a periferia de si própria e tem o seu centro em toda a parte, já renunciaste a compreendê-lo. A pergunta que agora começa a roer-te a mente é mais angustiante: fora de Pentiseleia existe um fora ? Ou por mais que te afastares da cidade, te limitas a passar de um limbo a outro e nunca mais conseguirás sair ?"*[4]

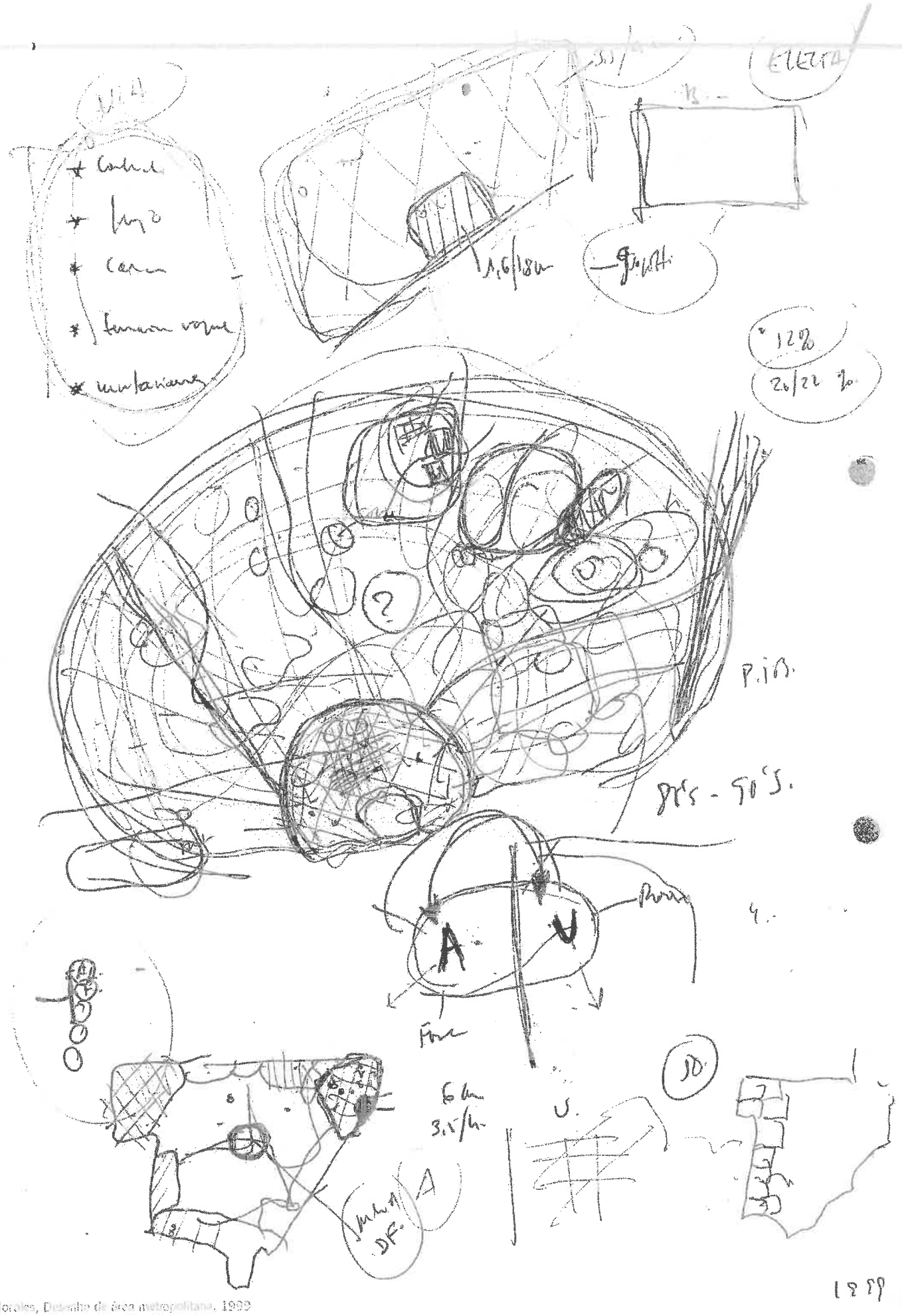
Verificamos que, ao nível das intervenções arquitectónicas, PROJECTOS como os de Florian Beigel diluem as fronteiras entre a cidade e o território, movidos pela conceptualização de uma paisagem mutante construída a todas as escalas. Como refere Beigel e Christou: *"interessa-me a combinação do natural e do artificial na paisagem, (...) a dissolução de limites (...) entre artificialidade e natureza (...).'A diferenciação entre cidade e paisagem perde progressivamente sentido já não existe cidade nem tão pouco paisagem (...) há um novo urbanismo que engloba tanto o sistema da paisagem como o da cidade".*[5] Outros projectos - como a série "Edges of a city" de Steven Holl - têm como programa explícito estabelecer limites e explorar estratégias para conter a periferia nos extremos da metrópole expandida e da paisagem rural, através de edifícios de espacialidade e usos híbridos.[6]

Em consonância com estes casos práticos, inúmeras teorias procuram também descrever os fenómenos da cidade actual e dar conta da s complexidade. Neste sentido, algumas análises contemplam a dim espacial da globalização (ex: Soja e Harvey); a CRISE CONCEPTU dos termos centro–periferia, urbano-rural, identidadelocal-globaliz etc; e muitos outros esforços pretendem compreender a situação d arquitectura-formaurbana actual.

Também no campo teórico, alguns eventos - como "Nuevos Paisage ou o "XIX Congresso da UIA" em Barcelona - procuraram fornecer categorias teóricas e denominadores urbanos que possibilitem ente a complexidade da cidade actual. A cidade contemporânea, segund Ignási Solá-Morales, é, na sua nova condição, múltipla, descentrad e fragmentada;.Composta pelo relacionamento instável de varias categorias-sistemas (sócio-económico, artístico-cultural e físico-arquitectónico) solidificados num "precipitado" pela arquitectura.[7] C "XIX Congresso da UIA", para cuja publicação escreve Ignási, avanç categorias que se tornariam marcantes como plataforma de discuss E no que respeita à referida "Arquitectura da Paisagem", por seu lad propõe-se como leitura de uma paisagem aberta à mudança onde s arquitectura cuja influência está para além da contiguidade física. [9] o termo "Novas paisagens", Eduardo Bru expressava assim a destab da distinção artificial-natural e urbano-rural presente no modelo de cidade difusa; estruturando uma realidade contemporânea divers e inapreensível frente a qual qualquer leitura *"só pode dar (...) cont de fragmentos para assentar, provisionalmente, interpretações (...)*

Recorde-se que na Europa ocidental, a integração física e funciona da cidade-campo, ocorrida com a dispersão das actividades e form de vida urbana pelo território, dissolveu especificamente a separaç tradicional urbano-rural e origina sistemas territoriais denominados termo "CIDADE DIFUSA". E este processo, que nas últimas década quatro fases - a mancha de azeite, a suburbanização, a periurbani e a rururbanização - tem como consequência a organização do terr em redes espaço-temporais que o articulam e conectam por meio de fluxos transnacionais. Neste contexto Oriol Nel-lo identificou cin tipos de parâmetros (os quais podem ser vistos complementarment que correspondem a tentativas de delimitação da cidade por divers autores. Interessaria aqui salientar sobretudo o último desses parâ que delimita as áreas territoriais atendendo a critérios funcionais de mobilidade (ex: pessoas, bens e informação) e assim constitui a *definição do espaço urbano como uma rede de relações."* [11] Como Nel-lo: *"A utilidade do conceito de cidade difusa é precisamente a de definir um momento neste processo histórico: aquele em que as redes de relacionamento abarcam, já totalidade do território e f de todo o território, cidade".*[12]

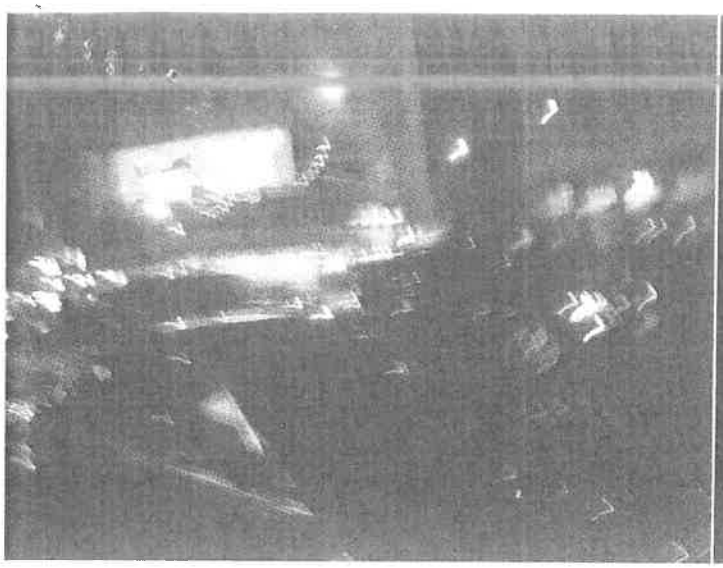
Temos, há algum tempo, vindo a assistir à conformação de uma no ordem económica, social e geográfica mundial; que acarreta o surg de uma nova geografia mundial, onde "o conceito de centralidade foi profundamente alterado pelas novas tecnologias GLOBALIZAÇÃO"[13]. Progressivamente, um novo centro transterritor foi então formado pelo que Saskya Sassen apelidou de "cidade glol



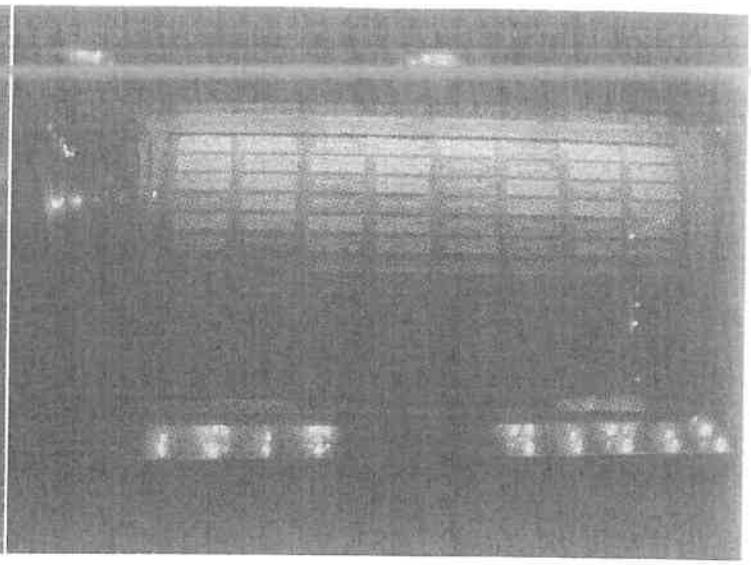
Ignasi Solà Morales, Diseño de área metropolitana, 1999

Gonçalo Furtado, Periferia de uma cidade global, 2009

ficando as áreas metropolitanas e regiões constituídas com "a forma de uma grelha de nódulos de intensa actividade negocial".[14]
Interessa ainda referir que a nova ordem económica da globalização - configurada pela transição para um modelo de produção e consumo pós-fordista com as melhoras nos transportes e comunicações e com o protagonismo dos serviços especializados de apoio às empresas - traduz-se também na referida fragmentação territorial e em novos modelos de organização e morfologias urbanas.
De facto, como refere Francesc Munoz e Ignasi Solá-Morales, a economia global baseia-se em redes de pequenas cidades, numa certa desconcentração (i.e. o centro define-se como a administração das periferias produtoras) que sobrecentraliza alguns núcleos urbanos à escala global, enquanto outros se especializam formando uma rede transnacional. Estas alterações económicas e as paralelas transformações urbanas globalizam a cultura urbana, o que reclama um reposicionamento arquitectónico na perspectiva desses autores.[15]
Saliente-se que se no modelo territorial da dita cidade difusa surgem as novas formas espaciais de centralidade periférica (as "Edge cities" de Garreau, etc); igualmente ocorre uma reconfiguração do uso das concentrações urbanas onde emergem, em grande parte, também as DUALIDADES sociológicas expostas por autores como Manuel Castells. Não devemos de facto deixar de referir que as localidades à margem dos três centros informacionais e financeiros da dita "Global city", estão perante a dominação cultural exercida pelas forças económicas, o que tem também uma expressão espacial. A cidade reconfigurada significa, também, uma multiplicidade de lugares com os seus dramas e desigualdades. Uma cidade descentrada socialmente, multi-étnica e multi-discursiva, onde se dissemina a injustiça e o controle.
A globalização vem pois também significar a fragmentação da cidade em pedaços e enclaves; todos incorporados numa cidade global, em que se generaliza um modo de vida "genérico" (que tanto interessou a Koolhaas). Constata-se retrospectivamente que após a destruição dos limites da cidade *tout court* (i.e. as muralhas e portas), seguiu-se a sua dilatação, a debanda da sua população para os subúrbios e mesmo das suas indústrias para outros países. Com a internacionalização comercial e a compressão espacio-temporal electrónica vai-se concretizando a dita cidade global - uma cidade de débil identidade urbana, onde a arquitectura é tematizada ou homogeneizada pela disseminação das multinacionais e o centro, reconstruído como *business* ou *creative district*, é conectado a contextos distantes. A antiga ideia de fortificação é (agora) retomada pela separação ricos-pobres, e pela vigilância e pela disseminação de condomínios elitistas; ao mesmo tempo que as próprias cidades se tornam em entidades competitivas na nova ordem económica mundial. De forma notável, Kyong Park identifica, no contexto asiático, a expressão destas desigualdades.[16] Nomeadamente nas cidades gémeas, recentemente edificadas e em múltiplas construções onde, as atitudes superficialmente contextualizantes dos profissionais ocidentais, a quem são entregues grandes encomendas, não conseguem mascarar um novo colonialismo.
Perante as potencialidades negativas e positivas da nova realidade urbano- territorial, a Arquitectura deve repensar o seu papel articuladamente com a questão da polis. A situação da última década de 90 é já distinta da reestruturação urbana americana que, nos anos 60, representou o processo mais radical desde a emergência das cidades capitalistas industriais do século XIX. Ignási Solá-Morales refere igualmente que a mudança da "megalópolis" actual é distinta



calo Furtado, New York, 2008



Gonçalo Furtado, Bill, 2008

ocorrida com a da cidade capital ou da grande "grosstadt". E uma série fenómenos radicais nas últimas décadas foram identificados: desde Edge cities" e Gottmann na década de 60, às "Global Cities" de Sassen década de 90, até aos novos sistemas urbanos que vão surgindo ndo analizados de Los Angeles (ex. Soja) à América do Sul (ex. Sassen). s se na hora de compreender a metrópole contemporânea poderiamos rrer a diversos autores; gostaria de concluir remetendo para o referido ard Soja - autor que já esteve no nosso país a pretexto do *Plug-in* ltiple Scales", que há anos concebi para a Bienal "Experimenta ign". Este autor, de facto, fornece a meu ver uma das abordagens s interessantes e complexas. Com o propósito de compreender o que em verificado nas metrópoles durante o último quarto de século, Soja ma as macro-abordagens urbanísticas, apresentando e analisando seis ursos sobre o que denomina "PÓS-METROPOLE".[17] O primeiro desse junto de discursos - sobre a cidade industrial pós-fordista - relaciona dustrialização e o processo de urbanização, explicando as diferenças e as metrópoles modernas fordistas e as pós-metrópoles -fordistas; o segundo - sobre a globalização da cidade mundial lienta a competitividade e dualidade urbanística; o terceiro - ominado "Exopolis" - diz respeito ao crescimento, às cidades limítrofes (re)constituição de cidades vitoriosas; o quarto refere- à reestruturação do mosaico social e suas desigualdades. O quinto erente à emergência de um "Carceral arquipélago" - está baseado isão política radical de Mike Davis (i.e. o "City of Quartz" de 1990), r que descreve a cidade como um conjunto de enclaves, vigiados liciados. E o sexto, que contempla a infiltração do discurso sim city" no imaginário e na vida urbana, acentua a necessidade onsiderar seriamente assuntos como o "simulacro" de Baudrillard, breposição da simulação à realidade.[18] (É neste último que Soja por nplo aborda aspectos como a simulação urbanística, o *themepark*, nesmo o "ciberespaço" a que nos temos referido de sobremaneira.) o resumo, podemos dizer que o primeiro par de discursos (i.e. pós- lista e globalização) se refere sobretudo aos processos resultantes estruturação da metrópole moderna; o segundo par é sobre onsequências espaço-sociais; o terceiro par é sobre o feed-back social ivamente aos efeitos da reestruturação urbana na pós-metrópole. sso ver consegue-se assim abarcar, no geral, uma multiplicidade bordagens suscitadas pela CIDADE E REALIDADE URBANO-RITORIAL CONTEMPORÂNEA a qué, sem nos estendermos ludiu resumidamente. Uma cidade expandida, organizada almente em rede, frequentemente desigual e progressivamente ulada pelos fluxos da mobilidade, mas também uma cidade uentemente desigual reclamando ao arquitecto uma reflexão sobre o el da sua disciplina e da Arquitectura perante uma realidade parece continuar apesar da crise. ■

1 O triunfo da cidade sobre o território é posto por exemplo por Choay; veja-se: Françoise Choay, «A Nova Babel», in: AAVV, *Arquitectura Viva*, N.35.
2 Álvaro Domingos, «(Sub)urbios e (Sub)urbanos: O mal-estar da periferia ou a mistificação de conceitos?», in: *Geografia-Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Vol.10-11, Porto, 1994-95.
3 O termo reporta a Ascher; veja-se: François Ascher, *Metapolis ou L' Avenir des Viles*, Paris: Editions Odile Jacob, 1996.
4 Ítalo Calvino, *As Cidades Invisíveis*, Editorial Teorema, 1994, p.159.
5 Florian Beigel e P. Christou, «Paisages épicos», in: AAVV (eds.), *Nuevos paisagens*, Barcelona: Actar, p.193
6 Podemos referir a "Secção" em Rochestre (1989); os "Cinco pontos" em Cleveland (1989); o "Novo limite" em Manhattan (1990) e a "Nova hierarquia de espaço públicos" em Dallas-Forth Worth (1990). Veja-se por exemplo : AAVV, *Quaderns*, Barcelona, Novembro-Dezembro de 1992, pp.78-88.
7 Ignasi Solá-Morales, «The Cities of the City», in: Metropolis Master Program (policopiado), Barcelona, 1998.
8 O "XIX Congresso da UIA" foi organizado em 5 categorias, propostas como plataforma de discussão, que representam de certa forma os novos fenómenos urbanos que, nas últimas 3 décadas, se identificaram em múltiplas situações de transformação dos sistemas urbanos difusos, desconcentrados e altamente conectados. "Mutações" e "espaços de fluxos" indicam esta nova relação espaço-temporal. "Contentores" e "terrain vague" identificam os novos espaços que genera". Veja-se: Josep Ramoneda, in: *UIA 96 - Presente I futurs, Arquitectura a les ciutats*, Barcelona: COAC/CCCB/Actar, 1996, p.9
9 Na publicação "Nuevos paisagens", o quadro de posições encontradas são expressas por quatro termos: "Infiltracões" (a expressão territorial na cidade); no lado oposto "Landmark" (a urbanidade for a da cidade), "Fronteiras" (enfrentamento da dispersão urbano-territorial); "Paisagens interiores" (relacionamento com o território a partir do edifício). O primeiro par pretende formalizar a cidade global e o segundo afirma a cidade local.
10 Eduardo Bru, in: *Nuevos Paisagens*, Barcelona: Actar, 1999, p.9.
11 O ensaio de Nel-lo aborda a configuração das realidades urbanas contemporâneas e a dificuldade de as delimitar territorialmente e controlar. Os tipos de parâmetros de delimitação são: o estatuto jurídico, as definições morfológicas, a estrutura económica e hierarquia dos serviços e a hierarquia dos espaços funcionais. Veja-se: Oriol Nel-lo - «Los confines de la ciudad sin confines. Estructura urbana y límites administrativos en la ciudad difusa»; in: *La ciudad dispersa. Suburbanización e novas periferias* , Barcelona: CCCB, 1998, p.35-57.
12 Ibid.
13 AAVV, «The Topoid of E-Space Cities and Global Values Chains», in: *Politics-Poetics, Documenta X: The Book* (Catálogo da Exposição de Kassel), 1997, pp.736-745.
14 Ibid.
15 Ignasi de Solá-Morales e Francesc Muñoz, «Ciudades del mundo, hoy. Las formas urbanas da globalização» (policopiado fornecido ao autor), Barcelona, s.d.
16 Kyong Park, «Images of the Future:The Architecture of a New Geography» p.125-143.
17 Sobre Edward Soja veja-se os livros "Postmodern Geographies" de 1989; "Thirdspace" de 1996; e sobretudo "Postmetropolis" de 2000.
18 Veja-se ainda o relacionado com Soja em: Sallie Westwood e John Williams, *Imagining Cities, Scripts, Signs, Memory*, New Yok: Routledge, 1997.

**Errata:** ***Por lapso, na edição 67 da revista arqa, Arquitectura e Arte, foi associada a autoria da rúbrica Crítica a Gonçalo Furtado (editor da secção da Crítica). Na verdade, o autor do referido artigo é Miguel Serra.***

10

2009

CRÍTICA

# As Novas Formas Urbano-Territoriais

## A Cidade e o Arquitecto (2000)

GONÇALO FURTADO|Professor Auxiliar na FAUP

Na NOVA REALIDADE - surgida com a erupção da globalização cultural, a internacionalização económica e os progressos tecnológicos, tal como com uma diversidade de fenómenos urbanos -, estabelecem-se novas formas, dinâmicas e pressupostos de relacionamentos urbano-territoriais baseados na mobilidade e nos fluxos.

A cidade antiga-existente, de resto, vinha já revelando incapacidade de resposta às recentes solicitações (grandes operações e investimentos etc) as quais procuraram a dimensão, disponibilidade e acessibilidade de terrenos nas áreas periféricas. Paralelamente, os argumentos do centro (i.e. a concentração, proximidade e mistura funcional) foram perdendo algum sentido com a globalização da economia e o progresso das telecomunicações e transportes. O que podemos chamar metropolização acarretou então um certo desfalecimento do centro tradicional e o aparecimento das longas periferias, tendo a cidade existente perdido a característica legibilidade e compactação, em prole de uma heterogeneidade de espaços urbanos e de um mosaico de tecidos periféricos em "espontânea" expansão territorial[1], ordenada social, cultural, económica e politicamente pelas novas centralidades resultantes da reconfiguração do sistema urbano.

Nas palavras de Álvaro Domingues: *"a cidade compacta de limites precisos, estilhaça-se num conjunto de fragmentos distintos onde os efeitos de coesão, de continuidade e de legibilidade urbanística, dão lugar a formações territoriais urbanas complexas, territorialmente descontínuas e ocupando territórios cada vez mais alargados."*[2]

Tal justifica o recurso das abordagens recentes a um conceito mais complexo de cidade - "METAPÓLIS"[3], sem limite preciso nem centro.

A título de curiosidade, a perda de sentido da distinção centro-periferia e dos seus limites, é bem expressa na notável passagem ficcional "As cidades contínuas 5", de Ítalo Calvino: *"Se oculta em qualquer bolsa ou ruga deste transbordante circundário existe uma Pentesileia é só a periferia de si própria e tem o seu centro em toda a parte, já renunciaste a compreendê-lo. A pergunta que agora começa a roer-te a mente é mais angustiante: fora de Pentiseleia existe um fora ? Ou por mais que te afastares da cidade, te limitas a passar de um limbo a outro e nunca mais conseguirás sair ?"*[4]

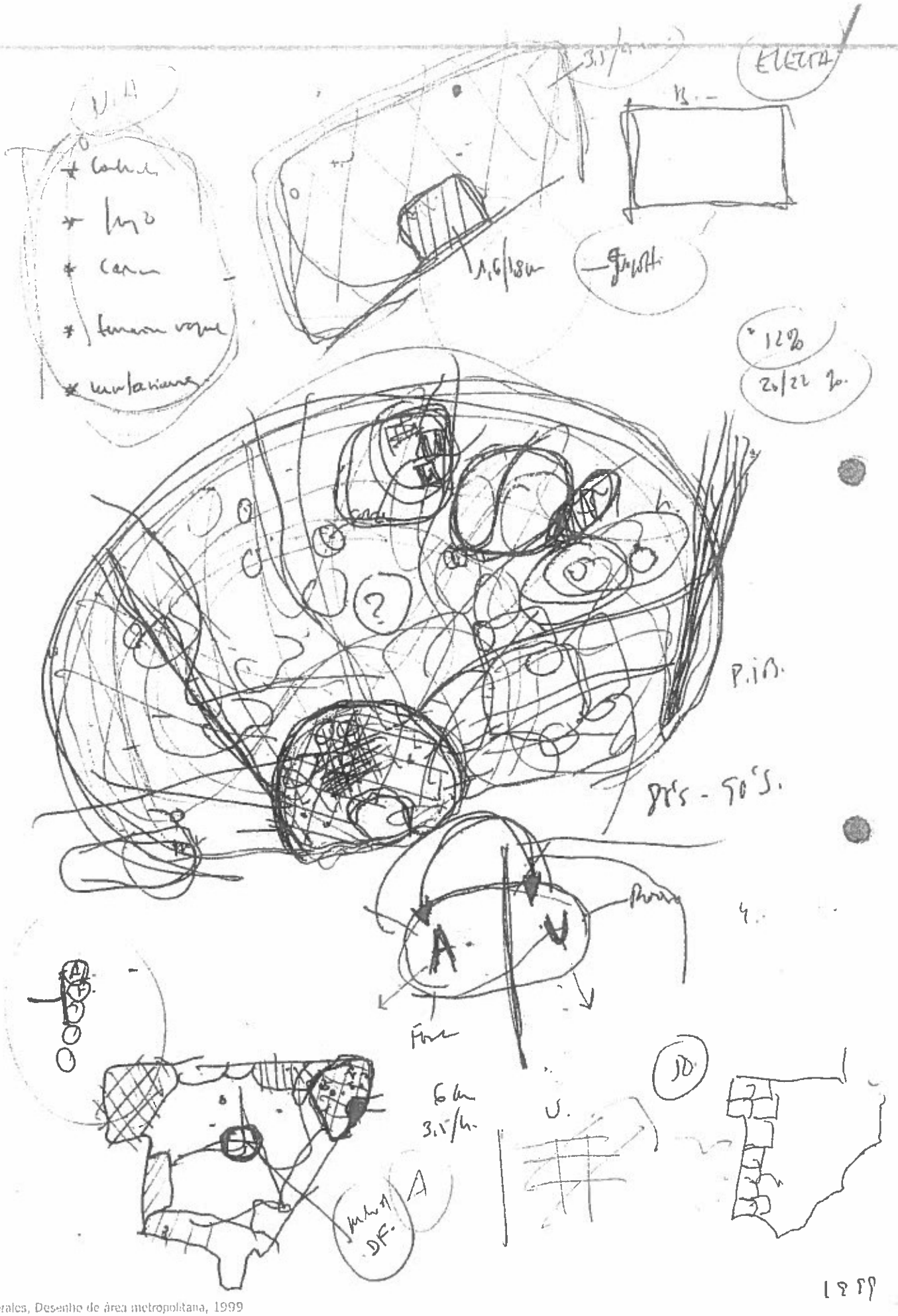
Verificamos que, ao nível das intervenções arquitectónicas, PROJECTOS como os de Florian Beigel diluem as fronteiras entre a cidade e o território, movidos pela conceptualização de uma paisagem mutante construída a todas as escalas. Como refere Beigel e Christou: *"interessa-me a combinação do natural e do artificial na paisagem, (...) a dissolução de limites (...) entre artificialidade e natureza (...).'A diferenciação entre cidade e paisagem perde progressivamente sentido já não existe cidade nem tão pouco paisagem (...) há um novo urbanismo que engloba tanto o sistema da paisagem como o da cidade"*.[5] Outros projectos - como a série "Edges of a city" de Steven Holl - têm como programa explícito estabelecer limites e explorar estratégias para conter a periferia nos extremos da metrópole expandida e da paisagem rural, através de edifícios de espacialidade e usos híbridos.[6]

Em consonância com estes casos práticos, inúmeras teorias procuram também descrever os fenómenos da cidade actual e dar conta da complexidade. Neste sentido, algumas análises contemplam a dir espacial da globalização (ex: Soja e Harvey); a CRISE CONCEPTU dos termos centro–periferia, urbano-rural, identidadelocal-globali etc; e muitos outros esforços pretendem compreender a situação arquitectura-formaurbana actual.

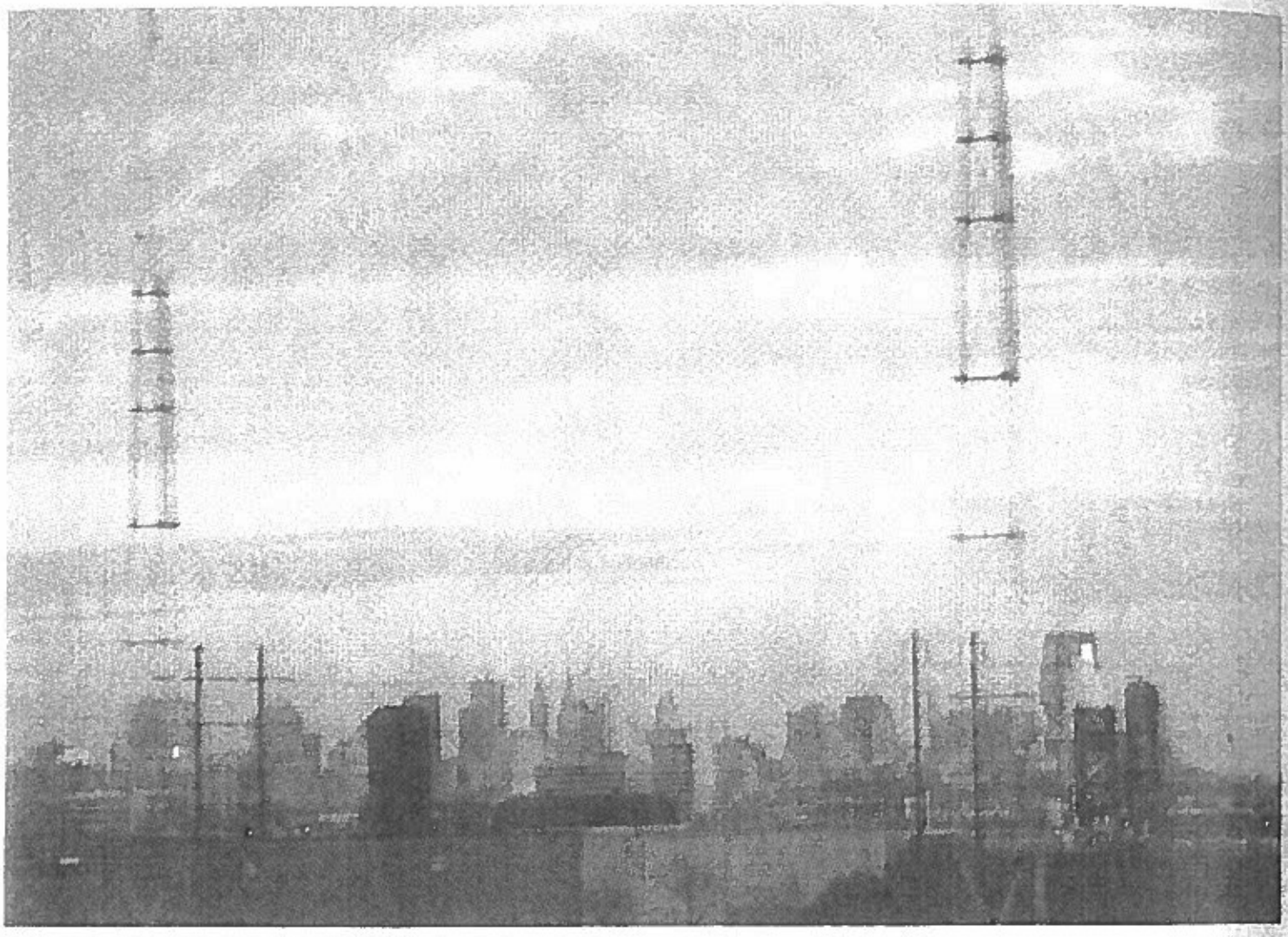
Também no campo teórico, alguns eventos - como "Nuevos Paisag ou o "XIX Congresso da UIA" em Barcelona - procuraram fornecer categorias teóricas e denominadores urbanos que possibilitem ente a complexidade da cidade actual. A cidade contemporânea, segun Ignási Solá-Morales, é, na sua nova condição, múltipla, descentrac e fragmentada;.Composta pelo relacionamento instável de varias categorias-sistemas (sócio-económico, artístico-cultural e físico-arquitectónico) solidificados num "precipitado" pela arquitectura.[7] "XIX Congresso da UIA", para cuja publicação escreve Ignási, avan categorias que se tornariam marcantes como plataforma de discus E no que respeita à referida "Arquitectura da Paisagem", por seu la propõe-se como leitura de uma paisagem aberta à mudança onde arquitectura cuja influência está para além da contiguidade física. o termo "Novas paisagens", Eduardo Bru expressava assim a desta da distinção artificial-natural e urbano-rural presente no modelo de cidade difusa; estruturando uma realidade contemporânea diver e inapreensível frente a qual qualquer leitura *"só pode dar (...) con de fragmentos para assentar, provisionalmente, interpretações (...*

Recorde-se que na Europa ocidental, a integração física e funcion da cidade-campo, ocorrida com a dispersão das actividades e form de vida urbana pelo território, dissolveu especificamente a separa tradicional urbano-rural e origina sistemas territoriais denominado termo "CIDADE DIFUSA". E este processo, que nas últimas décad quatro fases - a mancha de azeite, a suburbanização, a periurban e a rururbanização - tem como consequência a organização do ter em redes espaço-temporais que o articulam e conectam por meio de fluxos transnacionais. Neste contexto Oriol Nel-lo identificou ci tipos de parâmetros (os quais podem ser vistos complementarmer que correspondem a tentativas de delimitação da cidade por diver autores. Interessaria aqui salientar sobretudo o último desses parâ que delimita as áreas territoriais atendendo a critérios funcionais de mobilidade (ex: pessoas, bens e informação) e assim constitui *definição do espaço urbano como uma rede de relações."* [11] Com Nel-lo: *"A utilidade do conceito de cidade difusa é precisamente a de definir um momento neste processo histórico: aquele em qu as redes de relacionamento abarcam, já totalidade do território e de todo o território, cidade"*.[12]

Temos, há algum tempo, vindo a assistir à conformação de uma n ordem económica, social e geográfica mundial; que acarreta o sur de uma nova geografia mundial, onde "o conceito de centralidade foi profundamente alterado pelas novas tecnologia GLOBALIZAÇÃO"[13]. Progressivamente, um novo centro transterrito foi então formado pelo que Saskya Sassen apelidou de "cidade glo

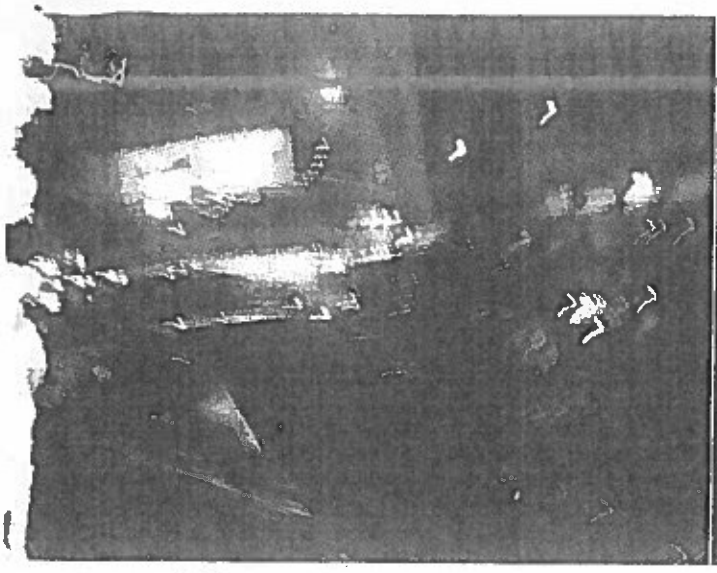


Ignasi Sola Morales, Desenho de área metropolitana, 1999

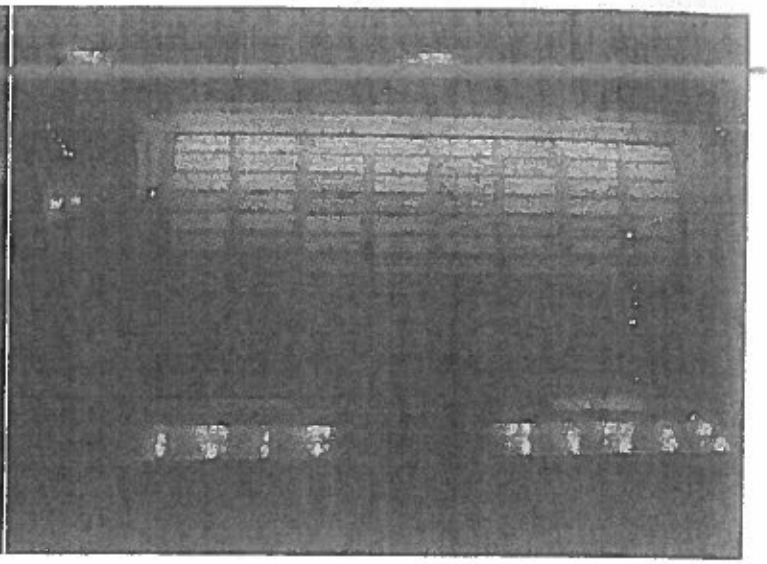


Gonçalo Furtado. Periferia de uma cidade global. 2008

ficando as áreas metropolitanas e regiões constituídas com "a forma de uma grelha de nódulos de intensa actividade negocial".[14]
Interessa ainda referir que a nova ordem económica da globalização - configurada pela transição para um modelo de produção e consumo pós-fordista com as melhoras nos transportes e comunicações e com o protagonismo dos serviços especializados de apoio às empresas - traduz-se também na referida fragmentação territorial e em novos modelos de organização e morfologias urbanas.
De facto, como refere Francesc Munoz e Ignasi Solá-Morales, a economia global baseia-se em redes de pequenas cidades, numa certa desconcentração (i.e. o centro define-se como a administração das periferias produtoras) que sobrecentraliza alguns núcleos urbanos à escala global, enquanto outros se especializam formando uma rede transnacional. Estas alterações económicas e as paralelas transformações urbanas globalizam a cultura urbana, o que reclama um reposicionamento arquitectónico na perspectiva desses autores.[15]
Saliente-se que se no modelo territorial da dita cidade difusa surgem as novas formas espaciais de centralidade periférica (as "Edge cities" de Garreau, etc); igualmente ocorre uma reconfiguração do uso das concentrações urbanas onde emergem, em grande parte, também as DUALIDADES sociológicas expostas por autores como Manuel Castells.
Não devemos de facto deixar de referir que as localidades à margem dos três centros informacionais e financeiros da dita "Global city", estão perante a dominação cultural exercida pelas forças económicas, o que tem também uma expressão espacial. A cidade reconfigurada significa, também, uma multiplicidade de lugares com os seus dramas e desigualdades. Uma cidade descentrada socialmente, multi-étnica e multi-discursiva, onde se dissemina a injustiça e o controle.
A globalização vem pois também significar a fragmentação da cidade em pedaços e enclaves; todos incorporados numa cidade global, em que se generaliza um modo de vida "genérico" (que tanto interessou a Koolhaas).
Constata-se retrospectivamente que após a destruição dos limites da cidade *tout court* (i.e. as muralhas e portas), seguiu-se a sua dilatação, a debanda da sua população para os subúrbios e mesmo das suas indústrias para outros países. Com a internacionalização comercial e a compressão espacio-temporal electrónica vai-se concretizando a dita cidade global - uma cidade de débil identidade urbana, onde a arquitectura é tematizada ou homogeneizada pela disseminação das multinacionais e o centro, reconstruído como *business* ou *creative district*, é conectado a contextos distantes. A antiga ideia de fortificação é (agora) retomada pela separação ricos-pobres, e pela vigilância e pela disseminação de condomínios elitistas; ao mesmo tempo que as próprias cidades se tornam em entidades competitivas na nova ordem económica mundial. De forma notável, Kyong Park identifica, no contexto asiático, a expressão destas desigualdades.[16] Nomeadamente nas cidades gémeas, recentemente edificadas e em múltiplas construções onde, as atitudes superficialmente contextualizantes dos profissionais ocidentais, a quem são entregues grandes encomendas, não conseguem mascarar um novo colonialismo.
Perante as potencialidades negativas e positivas da nova realidade urbano- territorial, a Arquitectura deve repensar o seu papel articuladamente com a questão da polis. A situação da última década de 90 é já distinta da reestruturação urbana americana que, nos anos 60, representou o processo mais radical desde a emergência das cidades capitalistas industriais do século XIX. Ignási Solá-Morales refere igualmente que a mudança da "megalópolis" actual é distinta



Io Furtado, New York, 2008



Gonçalo Furtado, Bill, 2008

.orrida com a da cidade capital ou da grande "grosstadt". E uma série nómenos radicais nas últimas décadas foram identificados: desde dge cities" e Gottmann na década de 60, às "Global Cities" de Sassen cada de 90, até aos novos sistemas urbanos que vão surgindo do analizados de Los Angeles (ex. Soja) à América do Sul (ex. Sassen). se na hora de compreender a metrópole contemporânea poderiamos rer a diversos autores; gostaria de concluir remetendo para o referido ard Soja - autor que já esteve no nosso país a pretexto do *Plug-in* ıltiple Scales", que há anos concebi para a Bienal "Experimenta ign". Este autor, de facto, fornece a meu ver uma das abordagens s interessantes e complexas. Com o propósito de compreender o que em verificado nas metrópoles durante o último quarto de século, Soja ma as macro-abordagens urbanísticas, apresentando e analisando seis ursos sobre o que denomina "PÓS-METROPOLE".[17] O primeiro desse junto de discursos - sobre a cidade industrial pós-fordista - relaciona dustrialização e o processo de urbanização, explicando as diferenças e as metrópoles modernas fordistas e as pós-metrópoles -fordistas; o segundo - sobre a globalização da cidade mundial lienta a competitividade e dualidade urbanística; o terceiro - ominado "Exopolis" - diz respeito ao crescimento, às cidades limítrofes (re)constituição de cidades vitoriosas; o quarto refere- à reestruturação do mosaico social e suas desigualdades. O quinto erente à emergência de um "Carceral arquipélago" - está baseado isão política radical de Mike Davis (i.e. o "City of Quartz" de 1990), ır que descreve a cidade como um conjunto de enclaves, vigiados liciados. E o sexto, que contempla a infiltração do discurso sim city" no imaginário e na vida urbana, acentua a necessidade considerar seriamente assuntos como o "simulacro" de Baudrillard, breposição da simulação à realidade.[18] (É neste último que Soja por nplo aborda aspectos como a simulação urbanística, o *themepark*, nesmo o "ciberespaço" a que nos temos referido de sobremaneira.) lo resumo, podemos dizer que o primeiro par de discursos (i.e. pós- lista e globalização) se refere sobretudo aos processos resultantes eestruturação da metrópole moderna; o segundo par é sobre onsequências espaço-sociais; o terceiro par é sobre o feed-back social ivamente aos efeitos da reestruturação urbana na pós-metrópole. sso ver consegue-se assim abarcar, no geral, uma multiplicidade bordagens suscitadas pela CIDADE E REALIDADE URBANO-RITORIAL CONTEMPORÂNEA a qué, sem nos estendermos ludiu resumidamente. Uma cidade expandida, organizada almente em rede, frequentemente desigual e progressivamente ulada pelos fluxos da mobilidade, mas também uma cidade ıentemente desigual reclamando ao arquitecto uma reflexão sobre o el da sua disciplina e da Arquitectura perante uma realidade parece continuar apesar da crise. ▫

1 O triunfo da cidade sobre o território é posto por exemplo por Choay; veja-se: Françoise Choay, «A Nova Babel», in: AAVV, *Arquitectura Viva*, N.35.
2 Álvaro Domingos, «(Sub)urbios e (Sub)urbanos: O mal-estar da periferia ou a mistificação de conceitos?», in: *Geografia-Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Vol.10-11, Porto, 1994-95.
3 O termo reporta a Ascher; veja-se: François Ascher, *Metapolis ou L' Avenir des Viles*, Paris: Editions Odile Jacob, 1996.
4 Ítalo Calvino, *As Cidades Invisíveis*, Editorial Teorema, 1994, p.159.
5 Florian Beigel e P. Christou, «Paisages épicos», in: AAVV (eds.), *Nuevos paisagens*, Barcelona: Actar, p.193
6 Podemos referir a "Secção" em Rochestre (1989); os "Cinco pontos" em Cleveland (1989); o "Novo limite" em Manhattan (1990) e a "Nova hierarquia de espaço públicos" em Dallas-Forth Worth (1990). Veja-se por exemplo : AAVV, *Quaderns*, Barcelona, Novembro-Dezembro de 1992, pp.78-88.
7 Ignasi Solá-Morales, «The Cities of the City», in: Metropolis Master Program (policopiado), Barcelona, 1998.
8 O "XIX Congresso da UIA" foi organizado em 5 categorias, propostas como plataforma de discussão, que representam de certa forma os novos fenómenos urbanos que, nas últimas 3 décadas, se identificaram em múltiplas situações de transformação dos sistemas urbanos difusos, desconcentrados e altamente conectados. "Mutações" e "espaços de fluxos" indicam esta nova relação espaço-temporal. "Contentores" e "terrain vague" identificam os novos espaços que genera". Veja-se: Josep Ramoneda, in: *UIA 96 - Presente I futurs, Arquitectura a les ciutats*, Barcelona: COAC/CCCB/Actar, 1996, p.9
9 Na publicação "Nuevos paisagens", o quadro de posições encontradas são expressas por quatro termos: "Infiltracões" (a expressão territorial na cidade); no lado oposto "Landmark" (a urbanidade for a da cidade), "Fronteiras" (enfrentamento da dispersão urbano-territorial); "Paisagens interiores" (relacionamento com o território a partir do edifício). O primeiro par pretende formalizar a cidade global e o segundo afirma a cidade local.
10 Eduardo Bru, in: *Nuevos Paisagens*, Barcelona: Actar, 1999, p.9.
11 O ensaio de Nel-lo aborda a configuração das realidades urbanas contemporâneas e a dificuldade de as delimitar territorialmente e controlar. Os tipos de parâmetros de delimitação são: o estatuto jurídico, as definições morfológicas, a estrutura económica e hierarquia dos serviços e a hierarquia dos espaços funcionais. Veja-se: Oriol Nel-lo - «Los confines de la ciudad sin confines. Estructura urbana y límites administrativos en la ciudad difusa»; in: *La ciudad dispersa. Suburbanización e novas periferias* , Barcelona: CCCB, 1998, p.35-57.
12 Ibid.
13 AAVV, «The Topoid of E-Space Cities and Global Values Chains», in: *Politics-Poetics, Documenta X: The Book* (Catálogo da Exposição de Kassel), 1997, pp.736-745.
14 Ibid.
15 Ignasi de Solá-Morales e Francesc Muñoz, «Ciudades del mundo, hoy. Las formas urbanas da globalização» (policoplado fornecido ao autor), Barcelona, s.d.
16 Kyong Park, «Images of the Future:The Architecture of a New Geography» p.125-143.
17 Sobre Edward Soja veja-se os livros "Postmodern Geographies" de 1989; "Thirdspace" de 1996; e sobretudo "Postmetropolis" de 2000.
18 Veja-se ainda o relacionado com Soja em: Sallie Westwood e John Williams, *Imagining Cities, Scripts, Signs, Memory*, New Yok: Routledge, 1997.

**Errata:** *Por lapso, na edição 67 da revista* **arqa**, *Arquitectura e Arte, foi associada a autoria da rúbrica Crítica a Gonçalo Furtado (editor da secção da Crítica). Na verdade, o autor do referido artigo é Miguel Serra.*